

Vade Mecum Espírita

APOSTILAS VADE MECUM

A Carne é fraca

(SÉRIE ESPÍRITA NÚMERO TRINTA E UM)

Contato: Fones 19 (R) 3433-8679 – 997818905

Piracicaba – SP

Setembro de 2022

ÍNDICE

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO.....	03
O CÉU E O INFERNO.....	03
LIBERTAÇÃO.....	03
BÍBLIA MATEUS.....	05
BÍBLIA MARCOS.....	05
BÍBLIA ROMANOS.....	06
BÍBLIA GÁLATAS.....	06
ALLAN KARDEC VOL 2.....	06
REVISTA ESPÍRITA 1969.....	07
CORNÉLIUS O centurião que viu Jesus.....	10
CAMINHOS DA DIVULGAÇÃO ESPÍRITA.....	12
DO PAÍS DA LUZ VOLUME IV.....	13
MESMER A CIÊNCIA NEGADA E OS TEXTOS ESCONDIDOS.....	17
UM NOVO OLHAR SOBRE O EVANGELHO.....	21
SUICÍDIO INCONSCIENTE.....	24
A GÊNESE.....	24

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Allan Kardec

Cap. XXVIII §33

33. Prece - Elevei o meu olhar para Ti, oh! Eterno, e me senti fortalecido. Porque és a minha força e te peço, meu Deus, que não me abandones! Estou esmagado ao peso das minhas iniquidades! Ajuda-me pois conheces a fraqueza de minha carne! Não afastes de mim o teu olhar! Estou devorado por uma sede ardente. Faze brotar a fonte de água viva, que me dessedentará! Que meus lábios só se abram para te louvar, e não para reclamar das aflições da vida. Sou fraco, Senhor, mas o teu amor me sustentará. Oh! Eterno, só Tu és grande, só Tu és a razão e o fim da minha vida! Seja bendito o Teu nome, quando me feres, pois Tu és o Senhor e eu o servo infiel. Curvarei a fronte sem uma queixa, porque só Tu és grande, só Tu és o alvo das nossas vidas!

O CÉU E O INFERNO

Allan Kardec

1ª Parte Cap. VII

A carne é fraca

Há tendências viciosas que são evidentemente próprias do Espírito, porque se apegam mais ao moral do que ao físico; outras parecem antes dependentes do organismo, e, por esse motivo, menos responsáveis são julgados os que as possuem: consideram-se como tais as disposições à cólera, à preguiça, à sensualidade etc.

Hoje está plenamente reconhecido pelos filósofos espiritualistas que os órgãos cerebrais correspondentes a diversas aptidões devem o seu desenvolvimento à atividade do Espírito. Assim, esse desenvolvimento é um efeito, e não uma causa. Um homem não é músico porque tenha a bossa da música, mas possui essa tendência porque o seu Espírito é musical. Se a atividade do Espírito reage sobre o cérebro, deve também reagir sobre as outras partes do organismo.

O Espírito é, deste modo, o artista do próprio corpo, por ele talhado, por assim dizer, à feição das suas necessidades e à manifestação das suas tendências.

Desta forma a perfeição corporal das raças adiantadas deixa de ser produto de criações distintas para ser o resultado do trabalho espiritual, que

aperfeiçoa o invólucro material à medida que as faculdades aumentam.

Por uma consequência natural deste princípio, as disposições morais do Espírito devem modificar as qualidades do sangue, dar-lhe maior ou menor atividade, provocar uma secreção mais ou menos abundante de bÍlis ou de quaisquer outros fluidos. É assim, por exemplo, que ao glutão enchesse-lhe a boca de saliva diante dum prato apetitoso.

Certo é que a iguaria não pode excitar o órgão do paladar, uma vez que com ele não tem contato; é, pois, o Espírito, cuja sensibilidade é despertada, que atua sobre aquele órgão pelo pensamento, enquanto outra pessoa permanecerá indiferente à vista do mesmo acepipe. É ainda por este motivo que a pessoa sensível facilmente verte lágrimas. Não é, porém, a abundância destas que dá sensibilidade ao Espírito, mais precisamente a sensibilidade deste que provoca a secreção abundante das lágrimas. Sob o império da sensibilidade, o organismo condiciona-se à disposição normal do Espírito, do mesmo modo porque se condiciona à disposição do Espírito glutão.

Seguindo esta ordem de ideias, compreende-se que um Espírito irascível deve encaminhar-se para estimular um temperamento bilioso, do que resulta não ser um homem colérico por bilioso, mas bilioso por colérico. O mesmo se dá em relação a todas as outras disposições instintivas: um Espírito indolente e fraco deixará o organismo em estado de atonia relativo ao seu caráter, ao passo que, ativo e enérgico, dará ao sangue como aos nervos qualidades perfeitamente opostas. A ação do Espírito sobre o físico é tão evidente que não raro vemos graves desordens orgânicas sobrevirem a violentas comoções morais.

A expressão vulgar: A emoção transformou-lhe o sangue não é tão destituída de sentido quanto se poderia supor. Ora, que poderia transtornar o sangue senão as disposições morais do Espírito?

Pode admitir-se, por conseguinte, ao menos em parte, que o temperamento é determinado pela natureza do Espírito, que é causa, e não efeito.

E nós dizemos em parte, porque há casos em que o físico influi evidentemente sobre o moral, tais como quando um estado mórbido ou anormal é determinado por causa externa, accidental, independente do Espírito, como sejam a temperatura, o clima, os defeitos físicos congênitos, uma doença passageira etc.

O moral do Espírito pode, nesses casos, ser afetado em suas manifestações pelo estado patológico, sem que a sua natureza intrínseca seja modificada. Escusar-se de seus erros por fraqueza da carne não passa de sofisma para escapar a responsabilidades.

A carne só é fraca porque o Espírito é fraco, o que inverte a questão,

deixando àquele a responsabilidade de todos os seus atos. A carne, destituída de pensamento e vontade, não pode prevalecer jamais sobre o Espírito, que é o ser pensante e de vontade própria.

O Espírito é quem dá à carne as qualidades correspondentes ao seu instinto, tal como o artista que imprime à obra material o cunho do seu gênio. Libertado dos instintos da bestialidade, o Espírito elabora um corpo que não é mais um tirano de sua aspiração, para espiritualidade do seu ser, e é quando o homem passa a comer para viver e não mais vive para comer.

A responsabilidade moral dos atos da vida fica, portanto, intacta, mas a razão nos diz que as consequências dessa responsabilidade devem ser proporcionais ao desenvolvimento intelectual do Espírito. Assim, quanto mais esclarecido for este, menos desculpável se torna, uma vez que com a inteligência e o senso moral nascem as noções do bem e do mal, do justo e do injusto.

Esta lei explica o insucesso da Medicina em certos casos. Desde que o temperamento é um efeito, e não uma causa, todo o esforço para modificá-lo se nulifica ante as disposições morais do Espírito, opondo-lhe uma resistência inconsciente que neutraliza a ação terapêutica. Por conseguinte, sobre a causa primordial é que se deve atuar.

Daí, se puderdes, coragem ao poltrão, e vereis para logo cessados os efeitos fisiológicos do medo. Isto prova ainda uma vez a necessidade, para a arte de curar, de levar em conta a influência espiritual sobre os organismos.

LIBERTAÇÃO

André Luiz

Os investigadores do raciocínio, ligeiramente tismados de princípios religiosos, identificam tão somente, nessa anomalia sinistra, a renitência da imperfeição e da fragilidade da carne, como se a carne fosse permanente individuação diabólica, esquecidos de que a matéria mais densa não é senão o conjunto das vidas inferiores incontáveis, em processo de aprimoramento, crescimento e libertação.

Bíblia

Mat. 26 v.41

Diversos

– Vigiai e orai para que não entreis em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca.

Bíblia

S. Marcos 14 v.37,38

Diversos

37. Em seguida, foi ter com seus discípulos e achou-os dormindo. Disse a Pedro: "Simão, dormes? Não pudeste vigiar uma hora!

38. Vigiai e orai, para que não entreis em tentação. Pois o espírito está pronto, mas a carne é fraca".

Bíblia

Paulo

Aos Romanos 6 v.19

– Vou-me servir de linguagem corrente entre os homens, por causa da fraqueza da vossa carne. Pois, como pusestes os vossos membros a serviço da impureza e do mal para cometer a iniquidade, assim ponde agora os vossos membros a serviço da justiça para chegar à santidade.

7v18

– Eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita o bem, porque o querer o bem está em mim, mas não sou capaz de efetuá-lo.

Bíblia

Paulo

Gálatas 5 v.17

– Porque os desejos da carne se opõem aos do Espírito, e estes aos da carne pois são contrários uns aos outros. É por isso que não fazeis o que quereríeis.

ALLAN KARDEC VOL 2

ZEUS WANTUIL - FRANCISCO THIESEN

Cap. II.8 §17 (156)

Na RS de março de 1869, Kardec realiza importante estudo acerca das íntimas relações entre o Espírito e o organismo físico.

“Se a atividade do Espírito reage sobre o cérebro, ela deve reagir igualmente sobre as

outras partes do organismo. O Espírito é, assim, o artífice do seu próprio corpo, que ele afeiçoa, por assim dizer, a fim de apropriá-lo às suas necessidades e à manifestação de suas tendências.” (P. 65.)

“A ação do Espírito sobre o físico é de tal modo evidente, que frequentemente se veem graves desordens orgânicas produzidas por efeito de violentas comoções morais.” (P. 66.)

“A carne só é fraca porque o Espírito é fraco, o que deita por terra a questão, e deixa ao Espírito a responsabilidade de todos os seus atos. A carne, que não é nem pensamento nem vontade, jamais prevalece sobre o Espírito, que é o ser pensante e de vontade própria; é o Espírito quem dá à carne as qualidades correspondentes a seus instintos, como um artista imprime à sua obra material o cunho de seu gênio. Libertado dos instintos da bestialidade, o Espírito afeiçoa um corpo que não é mais um tirano de suas aspirações, rumo à espiritualidade do seu ser: é então que o homem come para viver, porque viver é uma necessidade, mas não vive para comer.” (P. 68.)

Allan Kardec salienta a ação do elemento espiritual sobre o organismo físico e considera que o médico do corpo deve fazer-se médico da alma, no instante em que vê no estado da alma um obstáculo ao restabelecimento da saúde do corpo. “O essencial é aplicar o remédio moral com tato, prudência e a propósito, segundo as circunstâncias.” E como que prevendo o nascimento da medicina psiquiátrica, escrevia: “Participação incessantemente ativa do elemento espiritual nos fenômenos da vida, tal é a chave da maior parte dos problemas contra os quais se choca a ciência. Quando a ciência levar em conta a ação desse princípio, verá abrirem-se à sua frente horizontes totalmente novos.” (P. 69.)

REVISTA ESPÍRITA 1969

Allan Kardec

63-mar 1º

A carne é fraca

Estudo psicológico e moral

Há inclinações viciosas que, evidentemente, são inerentes ao Espírito, porque se devem mais ao moral do que ao físico; outras mais parecem consequência do organismo e, por este motivo, nós nos julgamos menos responsáveis; tais são as predisposições à cólera, à indolência, à sensualidade etc.

Está hoje perfeitamente reconhecido, pelos filósofos espiritualistas, que os órgãos cerebrais correspondentes às diversas aptidões, devem o seu desenvolvimento à atividade do Espírito; que esse desenvolvimento é, assim, um efeito e não uma causa. Um homem não é músico porque tenha a bossa da música, mas tem a bossa da música porque seu Espírito é músico (Revista de julho de 1860 e abril de 1862).

Se a atividade do Espírito reage sobre o cérebro, deve reagir igualmente sobre as outras partes do organismo. Assim, o Espírito é o artífice de seu próprio corpo, que, a bem dizer, modela, a fim de apropriá-lo às suas necessidades e à manifestação de suas tendências. Assim sendo, a perfeição do corpo nas raças adiantadas seria o resultado do trabalho do Espírito, que aperfeiçoa a sua ferramenta à medida que aumentam as suas faculdades (A

gênese segundo o espiritismo, cap. XI – Gênese espiritual).

Por uma consequência natural deste princípio, as disposições morais do Espírito devem modificar as qualidades do sangue, dar-lhe maior ou menor atividade, provocar uma secreção mais ou menos abundante de bile ou outros fluidos. É assim, por exemplo, que o glutão sente vir a saliva ou, como se diz vulgarmente, a água à boca à vista de um prato apetitoso. Não é o alimento que superexcita o órgão do paladar, pois não há contato; é o Espírito, cuja sensualidade é despertada, que age pelo pensamento sobre esse órgão, enquanto a vista daquele prato nada produz sobre outro Espírito.

Dá-se o mesmo em todas as cobiças, em todos os desejos provocados pela vista. A diversidade das emoções não pode explicar-se, numa porção de casos, senão pela diversidade das qualidades do Espírito.

Tal a razão pela qual uma pessoa sensível chora facilmente; não é a abundância das lágrimas que dá a sensibilidade ao Espírito, mas a sensibilidade do Espírito que provoca a secreção abundante de lágrimas. Sob o império da sensibilidade, o organismo modelou-se sob esta disposição normal do Espírito, como se modelou sob a do Espírito glutão.

Seguindo esta ordem de ideias, compreende-se que um Espírito irascível deve levar ao temperamento bilioso; donde se segue que um homem não é colérico porque seja bilioso, mas que é bilioso porque é colérico. Dá-se o mesmo com todas as outras disposições instintivas; um Espírito mole e indolente deixará o seu organismo num estado de atonia em conformidade com o seu caráter, ao passo que, se for ativo e enérgico, dará ao seu sangue, aos seus nervos, qualidades completamente diferentes. A ação do Espírito sobre o físico é de tal modo evidente que, muitas vezes, se veem graves desordens orgânicas produzidas por efeito de violentas comoções morais.

A expressão vulgar: A emoção lhe fez subir o sangue, não é assim tão desprovida de sentido quanto se podia crer. Ora, o que pôde alterar o sangue, senão as disposições morais do Espírito?

Este efeito é sensível sobretudo nas grandes dores, nas grandes alegrias, nos grandes pavores, cuja reação pode até causar a morte. Veem-se pessoas que morrem do medo de morrer. Ora, que relação existe entre o corpo do indivíduo e o objeto que lhe causa pavor, objeto que, no mais das vezes, não tem qualquer realidade?

Diz-se que é o efeito da imaginação; seja; mas o que é a imaginação, senão um atributo, um modo de sensibilidade do Espírito? Parece difícil atribuir a imaginação aos músculos e aos nervos, pois, então, não se explicaria por que esses músculos e esses nervos nem sempre têm imaginação; por que não a têm após a morte; por que o que nuns causa um pavor mortal, superexcita a coragem em outros.

Seja qual for a sutileza que se use para explicar os fenômenos morais exclusivamente pelas propriedades da matéria, cai-se inevitavelmente num impasse, no fundo do qual se percebe, com toda a evidência, e como única posição possível, o ser espiritual independente, para quem o organismo não passa de um meio de manifestação, como o piano é o instrumento das manifestações do pensamento do músico. Assim como o músico afina o seu

piano, pode-se dizer que o Espírito afina o seu corpo para pô-lo no diapasão de suas disposições morais.

É realmente curioso ver o materialismo falar incessantemente da necessidade de resgatar a dignidade do homem, quando se esforça por reduzi-lo a um pedaço de carne, que apodrece e desaparece sem deixar qualquer vestígio; de reivindicar para ele a liberdade como um direito natural, quando o transforma num mecanismo, agindo como um autômato, sem responsabilidade por seus atos. Com o ser espiritual independente, preexistente e sobrevivente ao corpo, a responsabilidade é absoluta. Ora, para o maior número, o primeiro, o principal móvel da crença no niilismo, é o pavor que causa essa responsabilidade, fora da lei humana, e à qual se crê escapar, tapando os olhos. Até hoje esta responsabilidade nada tinha de bem definido; não era senão um medo vago, fundado, é preciso reconhecer, em crenças nem sempre admissíveis pela razão; o Espiritismo a demonstra como uma realidade patente, efetiva, sem restrição, como uma consequência natural da espiritualidade do ser. Eis por que certas pessoas têm medo do Espiritismo, que as perturbaria em sua quietude, erguendo à sua frente o temível tribunal do futuro. Provar que o homem é responsável por todos os seus atos é provar a sua liberdade de ação, e provar a sua liberdade é resgatar a sua dignidade. A perspectiva da responsabilidade fora da lei humana é o mais poderoso elemento moralizador: é o objetivo ao qual conduz o Espiritismo pela força das coisas.

Conforme as observações fisiológicas que precedem, pode-se, pois, admitir que o temperamento é, ao menos em parte, determinado pela natureza do Espírito, que é causa e não efeito.

Dizemos em parte, porque há casos em que o físico evidentemente influi sobre o moral: é quando um estado mórbido ou anormal é determinado por uma causa externa, acidental, independente do Espírito, como a temperatura, o clima, os vícios hereditários de constituição, um mal-estar passageiro etc. O moral do Espírito pode, então, ser afetado em suas manifestações pelo estado patológico, sem que sua natureza intrínseca seja modificada.

Desculpar-se de suas más ações com a fraqueza da carne não é senão um subterfúgio para escapar à responsabilidade. A carne só é fraca porque o Espírito é fraco, o que derruba a questão e deixa ao Espírito a responsabilidade de todos os seus atos. A carne, que nem tem pensamento nem vontade, jamais prevalece sobre o Espírito, que é o ser pensante e voluntarioso. É o Espírito que dá à carne as qualidades correspondentes aos seus instintos, como um artista imprime à sua obra material o cunho de seu gênio. Liberto dos instintos da bestialidade, o Espírito modela um corpo, que não é mais um tirano para as suas aspirações à espiritualidade de seu ser; é então que o homem come para viver, porque viver é uma necessidade, mas não vive mais para comer.

A responsabilidade moral dos atos da vida fica, pois, inteira; mas, diz a razão que as consequências desta responsabilidade devem estar na razão do desenvolvimento intelectual do espírito; quanto mais esclarecido, menos desculpável, porque, com a inteligência e o senso moral, nascem as noções do bem e do mal, do justo e do injusto. O selvagem, ainda vizinho da animalidade, que cede ao instinto do animal, comendo o seu semelhante, é, sem contradita,

menos culpável do que o homem civilizado que comete uma simples injustiça.

Esta lei ainda encontra sua aplicação na Medicina e dá a razão do insucesso desta em certos casos. Desde que o temperamento é um efeito e não uma causa, os esforços tentados para modificá-lo podem ser paralisados pelas disposições morais do Espírito, que opõe uma resistência inconsciente e neutraliza a ação terapêutica.

É, pois, sobre a causa primeira que se deve agir; se não se consegue mudar as disposições morais do Espírito, o pensamento se modificará por si mesmo, sob o império de uma vontade diferente ou, pelo menos, a ação do tratamento médico será secundada, em vez de ser contrariada. Se possível, daí coragem ao poltrão, e vereis cessarem os efeitos fisiológicos do medo; dá-se o mesmo em outras disposições.

Mas, perguntarão, pode o médico do corpo fazer-se médico da alma? Está em suas atribuições fazer-se moralizador de seus doentes? Sim, sem dúvida, em certos limites; é mesmo um dever, que um bom médico jamais negligencia, desde o instante que vê no estado de alma um obstáculo ao restabelecimento da saúde do corpo. O essencial é aplicar o remédio moral com tato, prudência e a propósito, conforme as circunstâncias. Deste ponto de vista, sua ação é forçosamente circunscrita, porquanto, além de não exercer sobre o seu doente senão um ascendente moral, em certa idade é difícil uma transformação do caráter. É, pois, à educação, e sobretudo à primeira educação, que incumbem os cuidados dessa natureza. Quando, desde o berço, a educação for dirigida nesse sentido; quando se aplicar em abafar, em seus germes, as imperfeições morais, como faz com as imperfeições físicas, o médico não mais encontrará, no temperamento, um obstáculo contra o qual a sua ciência muitas vezes é impotente. Como se vê, é todo um estudo; mas um estudo completamente estéril, enquanto não se levar em conta a ação do elemento espiritual sobre o organismo. Participação incessantemente ativa do elemento espiritual nos fenômenos da vida, tal é a chave da maior parte dos problemas contra os quais se choca a Ciência. Quando esta levar em consideração a ação desse princípio, verá se abrirem à sua frente horizontes inteiramente novos. É à demonstração desta verdade que conduz o Espiritismo.

CORNÉLIUS O centurião que viu Jesus

MARIA GERTRUDES COELHO MALUF

J.W. ROCHESTER

1ª Parte Cap. 22 (84)

JESUS E O CENTURIÃO

Atento, Cornélius não despregava os olhos do profeta, surpreso com o rápido desenrolar dos acontecimentos.

Aquele povo exaltado aguardava apenas a sentença de Pôncio Pilatos para agir, torcendo para que o condenado lhe fosse entregue.

Como esperava, o preso lhe foi confiado.

Tinha que agir rápido.

O Mestre seria levado até o Gólgota, lugar da crucificação, onde seria executado junto a outros dois condenados.

Antes, porém, teria que esperar alguns instantes na prisão. Aproveitou aquele momento único para tentar salvá-Lo, utilizando-se de seus meios e prestígio.

Recolheu-O, apressadamente, a um compartimento longe da multidão e dos soldados.

Demonstrando a estes, grande vigilância, ordenou:

— Cuidem para que ninguém mais entre nesta cela.

Em seguida, procurou o prisioneiro.

Estavam sós.

Ao entrar, viu o Senhor absorto em profunda prece.

Seu rosto estava pálido, marcado pelos flagelos que havia sofrido.

Aproximou-se:

— Mestre!

Ele voltou-se para o centurião.

Uma doce expressão caracterizava seu semblante e a extrema majestade de seu olhar fez tremer o pobre centurião.

Tinha de agir rápido, o momento era extremamente delicado.

Preocupado com o desfecho da perigosa situação, venceu a timidez e dirigiu-se a Ele, emocionado:

— Mestre! Não me conformo que pereças assim de morte tão infamante. Tu és tão bom!...

O Mestre olhou-o compadecido sem nada dizer.

O pobre militar, naquele momento, sem temer as consequências de seu gesto, disse arrebatado:

— Deixa-me salvar-Te! - num gesto espontâneo começou a desatar a pesada corda que o cingia. Toma a minha armadura e este manto.

Aqui está uma chave, com a qual abrirás aquela portinha. Ela te conduzirá até a um estreito corredor. Depois chegarás a uma viela deserta e ao final dela, encontrarás a minha casa. Lá, pessoas dedicadas te esperam e te facilitarão a fuga da cidade...

O Mestre, silencioso, olhou-o compassivo.

O centurião, embora desconcertado implorou-Lhe:

— Deixa-me morrer em teu lugar! De que vale a vida de um soldado obscuro, comparada à tua que a tantos beneficia?

Jesus ouvindo suas comoventes palavras, ergueu-se.

Diante de seu rosto celestial e de seu meigo olhar, o centurião constrangido caiu de joelhos, aos pés do Mestre.

Naquele momento único de sua vida, Cornélius nada temia porque a presença de Jesus o enchia de santificada coragem.

Sua voz melancólica, inconfundível, então se fez ouvir no silêncio daquele quarto:

— Agradeço-te o devotamento e aprecio a tua coragem, porém não posso aceitar teu sacrifício. Meu sacrifício não é menor do que o de tantos outros que se imolaram pela VERDADE.

Comélius envergonhado da sua ousadia, não sabia o que dizer, limitando-se a ouvi-Lo.

Jesus continuou:

— Não deplores a minha sorte, filho, também não desdenho o teu sacrifício.

Neste instante, o Mestre olhou o vácuo como se estivesse vendo o futuro.

Comélius sem nada entender, continuou cabisbaixo, esperando o Mestre terminar:

— Os profetas que me precederam foram mortos pelos homens e os que me seguirem, por amor à Verdade, também, serão perseguidos, em memória de meu nome, e estou a ver-te nas chamas da fogueira, num futuro longínquo...

As palavras do Mestre caíram em sua alma como bálsamo.

Sentiu-se flutuar e seu espírito parecia se deslocar no tempo, como se este não existisse.

O centurião recobrou-se daquele estado que lhe pareceu eterno, embora durasse apenas frações de minuto.

Conformado, levantou-se e beijou-lhe a túnica.

Reparou então que o Mestre se tomara mais pálido.

Chegava a hora em que o centurião teria que cumprir o seu triste dever.

O Mestre ainda, dirigiu-se a ele:

— Quero transmitir, *ao último dos meus discípulos*, um derradeiro ensinamento.

As suaves palavras de Jesus tiveram o poder de reanimá-lo e ele chorou amargamente.

Jesus continuou tristemente:

— O espírito é forte, mas a carne é fraca. Ensinei aos meus discípulos que o bem-estar do corpo deve-se subordinar à felicidade do espírito. A vida terrena é passageira e só tem valor pelos benefícios apresentados. Ensinei o perdão aos inimigos e fiz-lhes ver que o ódio serve para se ligar mais a quem se odeia. A oração fervorosa te unirá ao Pai e te fortalecerá para que possas pagar o mal com o bem. Quem me condena, ainda não me compreende. Não te revoltes. Os sacerdotes que me odeiam não sabem que o meu ensino só lhes abrandaria os corações e, se o praticassem, teriam seus templos dignificados.

Mas, isto pouco mudará.

Por séculos e séculos... a maldade será praticada em **nome** e, tempo haverá em que até as minhas palavras serão adulteradas.

Os que agora me renegam, haverão de proclamar-me e se sacrificarão por **meu nome**.

Longo caminho de trevas se fará.

Então vos enviarei o **espírito de VERDADE** para estar convosco eternamente, pois ele é a consolação. Os mortos virão do túmulo e ressuscitarão minhas palavras e todos os homens as ouvirão, porque encerram a Verdade que vos predico.

Quisera poder falar-te, filho, mas teu espírito ainda não me pode compreender.

Comélius, preocupado com a sorte do Mestre, procurou ainda dissuadi-lo:

— Não temes a morte infamante, Mestre? Tremo só em pensá-la...

Disse com voz sufocada e triste.

O Mestre, corajosamente, continuou:

— Pastor de todo rebanho, desde o dia da criação deste mundo, a mim compete esclarecer e selar com o próprio sangue as verdades que predico. A seu tempo, todas elas serão postas em seu devido lugar, segundo é a vontade do Pai.

CAMINHOS DA DIVULGAÇÃO ESPÍRITA

ALBERTO DE SOUZA ROCHA

1ª Parte Cap. 27 §5 (95)

Comunicação na ordem do dia

Hoje a comunicação atinge níveis nunca sequer suspeitados ainda há bem pouco. Diz-se que estamos na era da comunicação, que há comunicação de massa. E ocorre o risco de indução das massas para rumos preconcebidos pelos que dominam a área respectiva. Multidões sempre seguem líderes para onde os levarem. Surgem expressões novas, como *marketing*, *mídia*, outras que tais. O momento é por isso mesmo precioso em termos de trabalho, mas também de cautela. Porque as sugestões estão por trás de tudo isso, a partir até mesmo, já se sabe, das sugestões ditas subliminares. Há sempre a faculdade de se escolher o que é certo e o que é bom, mas os arrastamentos também existem por culpa das tendências e em nome do livre-arbítrio somos sempre tentados por viciações naturais ao impositivo da repetição e daí repetirmos as ações que aprendemos sem a crítica prévia das conveniências; ou repetimos simplesmente os próprios erros... Desculpas prontas nos abrigam, tal como a de que a carne é fraca...

É grande a necessidade de nos vigiarmos permanentemente, e não apenas o próximo, para não cairmos nas teias das muitas tentações.

DO PAÍS DA LUZ VOLUME IV

FERNANDO DE LACERDA

Cap. XVIII (98)

ANTONIO VIEIRA..

Vou hoje tratar da riqueza. Mal vai ao meu propósito assunto em que tanto contrarie o homem: mas de sempre foi meu dever estar em contradição com o homem que em contradição queira estar com a verdade.

Vários são os inimigos que em si próprio o homem cria e mantém na Terra. Há o inimigo carne, que, sendo filho da sua própria carne, o homem perde pela sem razão das suas exigências, pelo desarrazoado de seus apetites, pelo exagero dos seus gozos, pelos prazeres da sua malícia, pelos regalos da sua luxúria, nelas fraquezas da sua continência, pelas fragilidades dos seus raciocínios, pelas teimosias dos seus querereres, pelas manifestações da sua animalidade. Esse inimigo cria o homem em si, em si acalenta e faz medrar e porque a cria e sustenta, por ele tem a dor, porque é a dor alimento de que ele se nutre e fruto que ele produz. É tanto mais temível inimigo, quanto mais disfarçado se apresenta ao incauto que em si próprio o alimenta; porque no seu disfarce se lhe apresenta como gozo no amor, necessidade na satisfação, virtude no exemplo e pureza na hipocrisia. A carne o faz sofrer, se tem dor, e na mesma dor o faz blasfemar.

Tem o homem outro inimigo na vaidade. E' a vaidade um fumo vão que o embriaga, fazendo-o crer que por si reuniram as fadas para o fadarem com perfeições que a mais nada foi dada. A vaidade cega-lhe o entendimento, desvaira-lhe o juízo, mascara-lhe a verdade, corrompe-lhe o afeto, destrói-lhe a bondade. E' a vaidade um demônio que lhe sugestiona a perdição.

Aninha-se a vaidade no coração humano, fazendo daí corte onde vive com a sua interminável corte de aias e pajens. Essas aias e esses pajens em serviço da vaidade se chamam cegueira, fatuidade, egoísmo, perversidade, descarabilidade, ambição, exagero, altiveza, petulância, orgulho, injustiça, inveja. De todos se utiliza a vaidade no momento próprio, de todos é ela escrava simulando ser senhora. O homem, a quem a vaidade domina,

e cego, quando não vê a verdade nem os que lha pregam; é fátuo, quando se supõe modelo de perfeições só para ele forjadas na forja do Criador; egoísta, quando crê que tudo a ele é devido pela superioridade inata na sua pessoa inconfundível; perverso em negar aos outros as qualidades que a sua cegueira lhe não deixa enxergar; descarado no seu tratamento àqueles em quem desdenha méritos e virtudes que não quer reconhecer; ambicioso, quando, para alimentar a vaidade que serve, tudo acha mesquinho e parco, tudo vê desluzido e pobre e tudo quer e almeja com insofrida incontidência; ridículo, quando, desconhecendo o barro frágil em que o seu pedestal assenta, repta os outros a quem ligeiro sopro basta para o derrubar; exagerado, quando se pretende impor, manifestando virtudes que não possui, poder que não tem; altivo, quando se pavoneia perante os seus iguais, empertigado em prosápias que imagina possuir, despedindo do olhar raios de Jove com que anseia fulminar aqueles míseros mortais de diversa argila a que a sua semi-divindade foi moldada; petulante, quando a si arroga direitos de menosprezar as qualidades e méritos alheios que a sua ignorância lhe não deixa apreciar e que a sua inconsciência lhe faz malbaratar em arremedos de inópia desdenhosa; orgulhoso, quando, na crença do seu exagerado valor, pretende impor-se como coisa em que Deus pôs o diadema de todas as perfeições, o condão de todas as virtudes, a força de todos os poderes, o uso de todos os direitos, a súpula de toda a superioridade terrena; injusto, quando nega aos outros o que em si só crê existir; quando malsina, ofende, desdenha, amesquinha e despreza qualidades, virtudes, saberes, luzes, ações, bondades e direitos que todos os outros seus irmãos possuem e em regular uso humano revelam no bem comum e na equidade da justiça; invejoso, quando vê, reconhece ou aprecia coisa de que outrem tenha propriedade e que em si não possa fazer recair em privança daquele que legitimamente a mantém; blasfemo, quando na sua vaidade nega a fonte de todo o seu poder, a origem de toda a sua vida, a existência da sua própria individualidade, só para sentir em si prazer de negar coisa que lhe seja superior, onde a sua ambição não chega, que o seu orgulho não atinge, que o seu poder não domina, que a sua ignorância não aprecia, que a sua pequenez não concebe, que a sua insciência não admite.

Esses dois inimigos do homem, um está na carne, outro está no espírito; e, como anel que os dois prende e confunde, um terceiro inimigo a si próprio inventou, que, não estando nele, é mais poderoso, mais insofrido e mais para temer de que aqueles que em si alimenta: — é o inimigo que daqueles é serventário e senhor, que àqueles dá manutenção e força: — a riqueza.

Só a riqueza dá à carne o conforto, o prazer, a nediaz, a sensualidade, a tentação; só a riqueza dá à vaidade alimento para manter-se, trono para ser adulada, roupagem para se entrajear, aprumo para se impor. Sem a riqueza, nem as carnes são regaladas, nem a vaidade é turibulada.

Dá a riqueza ao homem as armas que ele não possui; empresta talento que Deus lhe não deu, qualidades que a Virtude lhe negou, benemerências que a Bondade lhe não ofereceu, belezas que a Perfeição lhe não doou; encobre-lhe defeitos que a Imperfeição lhe assinalou, mascara-lhe vícios que o Desregramento lhe deu; dissimula fraquezas que a Baixeza lhe imprimiu.

A riqueza fá-lo aspirar a deleites que a moral condena, cometer atos que a justiça reprova, desejar coisas que a razão repele.

A riqueza dá-lhe pasto a todos os vícios, vício em todas as virtudes. Desconhece a riqueza a Humildade, despreza a Piedade e humilha a Caridade.

E, sendo a riqueza assim ninho de todas as perversidades, gérmen de toda a perdição, origem de todos os males, pode na riqueza haver salvação?

Disse o Mestre que ninguém pode servir a dois senhores, e que se não pode servir a Deus e à riqueza. Igualou assim, na sua ação sobre o homem, Deus e Riqueza. Os dois pôs em antagonismo. Não pode servir o homem a Deus e à Riqueza? E porquê? Porque em Deus está a salvação e a Perdição na Riqueza; e não se pode amar a salvação servindo a perdição.

E não haverá salvação na Riqueza? Disse o Mestre que mais fácil é fazer passar um calibre pelo fundo de uma agulha que um rico entrar no reino dos Céus. Mas, se é assim pode um rico entrar nos Céus. E qual será o caminho que o rico aos Céus pode conduzir? E' a própria riqueza. Nela tem a perdição e nela tem a salvação. Pode a riqueza inspirar ao mal, como inspirar ao bem.

Já conhecemos nós como é ela o instrumento da Perdição, vamos ver agora como pode ser o instrumento da Salvação.

E' a riqueza como Jano: em ter duas caras. Jano podia olhar para o passado e para o futuro; a riqueza pode olhar para o mal e para o bem. Era Jano o deus da paz, o regente da abundância; pode a riqueza ser a deusa da felicidade, a regente da caridade.

E' a riqueza como certa ordem de remédios que produzem o mal e produzem o bem. Aplicados em conta, são veículo da saúde; aplicados em demasia, conduzem ao sofrimento e à morte.

Parece à razão simples que, se remédio é para curar, devia curar sempre; e, se em pequena dose leva o bem, mor bem devia levar mor porção. Pois a razão simples que assim vir ilude-se e não é razão, porque à própria razão se deve afigurar que tudo no mundo tem quantidade própria e uso apropriado.

Assim a riqueza, a que se não dê o uso para que a riqueza é, constitui um mal que faz sofrer e mata. Faz sofrer o que a possui, porque lhe é cuidado constante, faz sofrer os que lhe estão próximo porque é grão sofrimento viver juntei ao avaro e ao que da usura faz gozo e do ouro coração.

Que de sofrimentos a riqueza faz, em vez de dores que podia desfazer!

Eu disse matar? E muito bem o disse.

Começa a riqueza por matar, no coração do homem, a abnegação, o altruísmo, a piedade e vai até transformar-se em pólvoras e em pelouros que matem os homens nas hecatombes guerreiras. E' como remédio em demasia que isso faz. E' quando a ambição a olha com olhos de esfomeado e com pensares de egoísta, que faz do coração um cofre com escrituração mercantil, onde escritura os proventos, os lucros de cada operação; onde há o memorando que regista os momentos próprios da intervenção gananciosa e as fontes de que há de correr o metal luzente para aferrolhar e para aumentar o pecúlio. E* o remédio tomado em alta dose, que embriaga o doente, fazendo-o sonhar gozos e cometer crimes, rapacidades e maldades para conseguir esses gozos sonhados, que nunca chegam, porque são sonhos, e são sonhos, porque nunca se realizam.

Tome-se agora o medicamento em dose apropriada e esse medicamento dará saúde ao corpo, gozo ao espírito, porque constitui gozo e saúde a quem dele souber usar em continência e a ele quiser dar apropriada aplicação.

Ao corpo dará o que a própria e especial manutenção haja mister para viver; ao espírito proporcionará os deleites com que o espírito se recreie. Fará que o espírito aprecie os gozos da arte, os gozos da natureza e os gozos da bondade. A arte é o gênio humano, a natureza é o gênio divino e a bondade é o gênio divino e humano. A arte é o gênio humano, porque

é a manifestação sublimada do engenho do homem; a natureza e o gênio divino, porque é a manifestação sublimada do gênio de Deus; e a bondade é o gênio divino e humano, porque reúne em si a magnanimidade e a piedade de Deus e a perfeição do espírito do homem, que o faz aproximar de Deus e assemelhar-se-lhe. Pois a estas três coisas superiores a riqueza, bem aplicada, pode fazer conhecer, amar e servir. Sem ela se podem conhecer e amar também, mas não servir; e servi-las é aumentá-las, é dar-lhes da riqueza, riqueza, que a arte faça mais bela, a natureza faça mais majestosa, a bondade mais divina.

Para que a riqueza salve, é mister que, como água boa ela seja, que pela irrigação leve à terra a humidade que a fertilize, à planta a seiva que a avivente, ao animal o refrigério que lhe extinga a sede. E' preciso que ela mova o alvião do mineiro, o arado do lavrador, a pena do escritor. Sem ela, o mineiro estará parado, o arado parado, a pena parada e, parado tudo, só uma coisa trabalha: a fome, a fome que faz a desesperação, que faz o crime, que faz a dor.

Assim, a riqueza pode, com o extinguir a fome, extinguir o mal e, então, é remédio que cura.

E' a riqueza quem burila e alinda a pedra tosca e bruta, fazendo que dela saiam, como da mágica varinha de uma fada, as maravilhas arrendadas das fábricas sagradas, que parecem trabalhadas pelos anjos para serviço do Senhor; quem afaga a mesma pedra, fazendo que dela brote a estátua que ao homem se assemelha, e o homem assemelha ao Criador; quem faz que, com ínfimos pelos e pobres tintas, se imite a natureza, por modo de maravilha, que às vezes faz com que se não saiba bem que é mais maravilha, se a natureza imitada, se a natureza que imita.

E' a riqueza que faz arar os mares, movimentar as oficinas e encher os celeiros.

E ainda é a riqueza mais poderosa que a própria natureza. A natureza faz com que onde haja gelos haja frio; e a riqueza pode fazer brotar o calor que derrete os gelos. Esta educa e deseduca o homem. Quando educa, corrige a natureza, quando deseduca estraga-a. Faz que o orgulhoso se roje, o hipócrita sorria, porque na riqueza estão os germens de tudo que é bom e de tudo que é mau, como o mal está sempre ao pé do bem. Sói muitas vezes que excesso de bem é um mal; o excesso de mal é um bem.

Mas, assim como, havendo um deus da paz, havia guerra, como há riqueza, há a miséria. E' até coisa normal que, para que a riqueza exista, há-de existir a miséria, porque as migalhas da miséria acumuladas é que fazem a riqueza, como os grãos de areia formam os grandes areais.

Assim como pequenos regatos formam os grandes rios e os grandes rios conduzem aos mares as águas dos pequenos regatos, os regatos em que correm os suores, o sangue e as lágrimas da miséria, conduzem tudo, transformado em ouro, aos grandes estuários em que se constituem as riquezas.

Se elas servem para em si afogarem os sentimentos altruístas, como os mares para afogarem os nadadores inexperientes, mal lhes vai. Serão amaldiçoadas e não virá longe o dia em que constituam mar morto, ou deserto árido de areia calcinante.

Como há mares tranquilos, onde o Sol se banha e o céu se espelha, há riquezas onde a bondade se reflete e a caridade se aproveita. São estas as que salvam. Salvam os que delas fazem uso cristão; salvam aqueles a quem servem de amparo e são socorro.

E' a riqueza que se transforma em rosas no regaço de Santa Isabel; é a riqueza que se transforma em pano celestial, para enxugar as lágrimas aos órfãos e às viúvas; a que se

transforma em auxílio às obras pias, em que a Caridade vigia pelos que padecem; é a que vai saciar a fome e a sede aos tugúrios e às prisões; é a que protege as artes e os ofícios; a que arroteia os campos; a que faz arar os mares; a que serve o progresso; a que alimenta os empreendimentos úteis; a que é instrumento fiel do homem para cometimentos benéficos e escrava para o servir nas virtudes.

E' a riqueza como certa ordem de venenos, que produzem o mal e produzem o bem. Aplicados em demasia, matam; aplicados em conta, curam.

Tem ainda a riqueza maior virtude e maior poder que a coisa mais poderosa que no mundo existe — a Natureza. Esta faz tudo dentro da lei que a regula; a riqueza não tem regulação, nem lei, nem tempo. Para esta não há estações no ano; não há rigores no clima; não há sol que queime, nem prazos a que tenha que obedecer.

O homem, com a riqueza, encurta o tempo, diminui o espaço e até mingua o mundo. Faz que adorem a crápula e apedrejem a virtude; que santifiquem o crime e que aprisionem a honestidade.

Destinou a natureza que, onde haja gelos, haja frio e, onde haja sol, haja calores. Pois a riqueza faz que haja gelo onde haja calores e calores onde existe o gelo. E* ela que move o alvião do mineiro; o arado do lavrador, a espada do soldado, a pena do escritor, a língua do pregador, as preces do sacerdote, a corda do carrasco, a súplica do mendigo.

Abre o sorriso à hipocrisia, como o cinzel abre, rasga os olhos à pedra bruta de uma estátua.

E' o Sol que entra nos laboratórios, a força que movimenta as oficinas.

MESMER A CIÊNCIA NEGADA E OS TEXTOS ESCONDIDOS

PAULO HENRIQUE DE FIGUEIREDO

2ª Parte. Cap. IV (193)

O sangue, a fleuma, a bile amarela e a negra

Deve-se lembrar que lamentavelmente a medicina ainda ignora o desenvolvimento natural e necessário da maior parte das doenças crônicas: opõem este desenvolvimento com seus remédios que perturbam o progresso da doença, interrompendo seu curso e muito frequentemente o fim vem antes de seu tempo, com uma morte prematura.

MESMER

As escolas médicas italianas haviam absorvido da filosofia os quatro elementos de Empédocles (água, ar, terra e fogo) para explicar doença e saúde, vida e morte. Com o tempo, foram associando os quatro elementos aos líquidos ou humores do corpo humano, que inicialmente eram diversos, mas com o tempo foram reduzidos a quatro: sangue, fleuma, bile amarela e bile negra. Desta forma, caiu-se num sistema distanciado da experiência real. Este procedimento era considerado por Hipócrates um grande engano. A doutrina hipocrática era uma esclarecida e firme denúncia de qualquer dogmatismo: cada caso deveria ser analisado em sua peculiaridade, sem generalizações que inibam o uso da observação e da razão. Escreveu Hipócrates:

Estão profundamente em erro todos os que se puseram a falar ou escrever sobre medicina, fundamentando o seu discurso em um postulado, o quente e o frio, o úmido e o seco ou qualquer outro que tenha escolhido, simplificando em excesso a causa original das doenças e da morte dos homens, atribuindo a mesma causa a todos os casos, porque se baseiam em um ou dois postulados. (Hipócrates *apud* ANTISERI, 1997)

Afinal, raciocinava Hipócrates, não se diz que tudo está em tudo? Segundo sua doutrina, é preciso estar atento a todas as particularidades de cada doença em especial. Existem fatores múltiplos que fazem de cada paciente, com suas circunstâncias e características, um caso especialmente único. É preciso observar, raciocinar, experimentar e acompanhar o desenvolvimento de cada doença para que a cura seja estabelecida. E, conclui, uma falsa medicina a que estabelece regras gerais e dogmáticas que serão aplicadas, de forma mecânica, sob a constatação de um certo número de sintomas.

Mas alguns fatos fizeram com que a medicina hipocrática passasse erroneamente para a história como sendo a medicina dos quatro humores. Isto aconteceu porque Políbio, um genro de Hipócrates, escreveu um tratado que codificava a doutrina dos humores de forma dogmática, *sobre a natureza dos homens*, que foi incluído equivocadamente na coleção de livros *hippocraticus*.

Hipócrates falava dos humores de forma geral, sem defini-los sistematicamente. Falava também das influências ambientais da natureza, como as estações e climas, mas de uma forma geral. Políbio, porém, combinou a doutrina das quatro qualidades, proveniente dos médicos italianos, com os ensinamentos de Hipócrates. Assim, compôs um quadro:

[...] a teoria de que o homem se compõe de um só princípio não tem consistência. Não é possível que o homem seja uma unidade, como pensam alguns médicos, pois nesse caso haveria uma só doença e um só medicamento; na realidade, o homem é formado por diversas substâncias. O corpo do homem se compõe de sangue, fleuma, bile amarela e bile negra. Há saúde quando esses humores estão misturados de forma equilibrada, e ocorre doença no caso de falta ou excesso de um deles. Cada um deles tem sua natureza particular e suas propriedades. Os que defendem que o homem é formado apenas por um desses humores se baseiam em evidências equivocadas. Os humores variam de acordo com a estação do ano, devido à influência do calor, do frio, do seco e do úmido. (POLÍBIO, *Sobre a natureza dos homens*)

Posteriormente, Galeno errou ao defender rigidamente a teoria dos humores como uma autêntica doutrina de Hipócrates. Ele divulgou e desenvolveu essa teoria amplamente ao comentar, de forma exaustiva, o tratado *sobre a natureza dos homens* de Políbio. Segundo a interpretação de Galeno, a vida era mantida pelo equilíbrio entre os quatro humores - sangue, fleuma, bile amarela e bile negra, que eram procedentes, respectivamente, do coração, do cérebro, do fígado e do baço. O desequilíbrio seria a doença. Segundo o predomínio natural de um destes humores na constituição dos indivíduos, teríamos os diferentes tipos fisiológicos: o sanguíneo, o fleumático, o bilioso ou colérico e o melancólico.³⁸ Até hoje, quando alguém está alegre e bem disposto, dizemos que ele está com bom humor e, àquele que está irado, dizemos que está mal-humorado.

Para Galeno, as emoções e os temperamentos se originavam nos órgãos do corpo, portanto na matéria.

O médico poderia dizer, logo à primeira olhada, o temperamento do doente que o procurava. Um indivíduo sanguíneo, inclinado a engordar e pronto para rir, tinha mais do que a sua devida ração de sangue quente e úmido. Uma pessoa fleumática tinha de ser encorpada, baixa, lenta e preguiçosa, por possuir excesso de fleuma fria. O homem melancólico, portador de excessiva quantidade de bile negra, fria e seca, inclinava-se a ser pensativo, rabugento, apreciador da sua própria companhia. (CALDER, 1950, p. 86)

38 - Nos dicionários atuais, encontramos as definições abaixo.

- Sanguíneo: pessoa rica em sangue e que se caracteriza pela robustez, a tez corada e a aparência de disposição alegre; estuante; exuberante.
- Fleumático: que tem fleuma; sereno; impassível; lento; pachorrento.
- Bilioso: que tem muita bile; de mau gênio; irascível; colérico.

Já o indivíduo colérico e de mau gênio zangava-se rapidamente em virtude de seu temperamento bilioso. Isso ocorria porque ele tinha, em seu organismo, um desequilíbrio da bile amarela em proporção aos outros humores. A produção em excesso da bile amarela pelo fígado determinava seu caráter irascível. O tratamento para esse paciente furioso seria a purgação da bile amarela, o que podia ser feito pela ingestão de remédios que provocam vômitos, os vomitórios, e outras práticas que ele deveria se submeter regularmente. Até hoje é muito comum, quando uma pessoa está colérica, dizer que ela comeu alguma coisa que não lhe fez bem. Ou seja, a alimentação determinando o estado emocional.

A consequência desta maneira de pensar foi que Galeno instituiu uma materialização da alma e da própria ciência médica. Ele concluiu que a alma seria uma função do cérebro, e a personalidade do homem se originaria nas características orgânicas, ou seja, uma teoria materialista. Segundo Galeno, o tratamento dos fluidos do corpo podia mudar as condições morais. Na Idade Média, este pensamento permitiu que se concluísse que é o corpo que corrompe o espírito. Ou seja, a carne é fraca. A medicina de Galeno era conveniente para a Igreja porque fundamentaria todos os dogmas de sua doutrina.

Mas, voltando alguns séculos antes de Galeno, na Grécia - quando a medicina científica foi iniciada por Hipócrates e auxiliada pela filosofia de Sócrates e Platão - podemos demonstrar que a teoria dos humores chegou a ter fundamentos racionais.

Quando a medicina hipocrática surgiu, as doenças eram pesquisadas e analisadas por observação, inaugurando o método científico. No entanto, as dificuldades eram muito grandes. Não se conheciam as funções corretas dos órgãos ou seus mecanismos funcionais. Quanto ao corpo, imaginava-se que ele apresentava uma composição equilibrada dos quatro elementos (sempre lembrando que, nesse tempo, os elementos eram qualidades e não substâncias). A origem das doenças era...

[...] o excesso ou a falta antinaturais dos elementos, ou então o fato de mudar-se para um lugar estranho, ou ainda pois que o fogo e outros elementos têm mais de uma variedade, o fato de que cada um deles assuma propriedades que não lhes convêm, e todos os outros fenômenos do mesmo gênero, eis o que causa as desordens interiores e as doenças. (PLATÃO, 2002, p. 114)

A saúde estaria então relacionada a um fluir das características dos elementos segundo uma lei regular e uniforme. As doenças representavam uma desordem, ou desequilíbrio. Segundo Platão, a doença era uma decomposição da formação dos tecidos, alterando os fluxos normais e regulares do sangue produzindo, assim, humores alterados.

Platão estudou as doenças e descreveu uma série de humores alterados, uns pela cor, outros pelo odor, pela espessura, o sabor, a viscosidade e assim por diante. Um exemplo da alteração dos humores ocorre quando uma parte de tecido se liquefaz, enegrece e torna-se amarga. Esse líquido, ou humor, recebeu o nome de *bile*. Outros humores, amarelos, verdes, foram designados pelo mesmo nome. Esta classificação foi apenas uma convenção, o nome não tinha importância. Platão explica que o nome “foi-lhes dado seja por alguns médicos, seja simplesmente por um homem capaz de penetrar a natureza dos fatos dessemelhantes e de perceber em todos um mesmo e único gênero, digno de um só nome”. Cada um dos humores alterados foi sendo classificado pelos médicos para ser diferenciado e identificado. Surgiram assim as biles negras e a pituita ácida.

Para Platão, a terapia para esses desequilíbrios precisava considerar a alma, que controla o corpo: “Em verdade, no que tange à saúde ou à doença, à virtude ou ao vício, não há medida regular ou falta de medida que sejam de maior consequência que as da alma em relação ao corpo.” Segundo o filósofo, é a partir da alma, exceto quando os órgãos se degeneraram ou se acidentaram, que deve agir o médico para recobrar o equilíbrio da saúde ou conservá-la. E então conclui: “Se os médicos são malsucedidos, tratando da maior parte das moléstias, é que tratam do corpo, sem tratarem da alma. Ora, não se achando o todo em bom estado, impossível é que uma parte dele passe bem.”

Com o passar do tempo, estas teorias foram sendo esquecidas. Os médicos que vieram

depois de Hipócrates e Platão teimaram em tomar os conceitos desenvolvidos pelos grandes pensadores e engessá-los em seus núcleos doutrinários fixos e imutáveis. Foi assim que a doutrina da criação dos pré-socráticos foi transformada na dogmática teoria materialista dos humores, falsamente atribuída a Hipócrates, mas adotada por Galeno e transmitida à posteridade.

V (207)

A Igreja abandona a medicina

Na virada do milênio, depois de séculos mantendo a medicina sob o seu domínio, certas seitas cristãs fundamentalistas passaram a condenar a medicina como algo herege. Se a origem da impureza do corpo estava no pecado, diziam, então a Igreja deveria cuidar apenas do espírito. Ocupando novamente o espaço deixado, como aconteceu na Grécia antiga, ressurgia a figura do médico leigo.

A visão do espírito habitando um corpo impuro dividiu o trabalho de cuidar dos homens entre a Igreja e os médicos. O quarto concílio de Latrão (1215), em Roma, proibiu os clérigos de fazerem cirurgias. Médicos e pregadores delimitaram entre si as suas funções. A alma seria tratada pela Igreja e o corpo, pelos médicos.

O dogma da Igreja afirmava que, apesar de o espírito ser imortal, a carne era fraca e corruptível. Em decorrência do pecado original, também era considerada depravada. Segundo esta doutrina, foi pela desobediência de Adão e Eva no Jardim do Éden, por sua queda moral; que veio o pecado para o mundo, transmitido geração após geração pelos corpos impuros. O pecado original acarretou o sofrimento e a morte para a humanidade. Mantendo a milenar tradição sobrenatural, a Igreja não deixou de reivindicar curas milagrosas por meio de promessas, peregrinações, águas bantas, em seus templos e cultos. Até hoje é preciso que ocorram milagres para que os santos possam ser canonizados, geralmente por curas milagrosas.

O sistema filosófico de Tomás de Aquino abre a possibilidade de a religião formal da Igreja dialogar com as outras formas de pensamento: é preciso partir das verdades “racionais”, porque é a razão que nos une. Discutindo com os judeus, pode-se assumir como pressuposto o Antigo Testamento; discutindo com os heréticos, pode-se assumir toda a Bíblia. Mas o pressuposto para tornar possível a discussão com os pagãos ou gentios é o que nos assemelha: a razão.

Entretanto, a proporção dos clamores por reformas assustou a Igreja e ela desistiu de discutir com quem quer que seja. A Inquisição surgiu como um movimento de defesa da Igreja contra as ideias que contestavam sua autoridade. A crença na possessão demoníaca era bastante antiga, mas ela só foi usada como pretexto para a perseguição daqueles que se desviavam do poder da Igreja. Do século 13 em diante, todos os tipos de desgraça, desde colheitas ruins até epidemias, eram atribuídos às feiticeiras e aos judeus. No final do século 13, cem mil judeus foram massacrados na Francônia, na Baviera e na Áustria.

Mas a perseguição às mulheres consideradas feiticeiras era, até então, esporádica. Foi em 9 de dezembro de 1484 que o papa Inocêncio VIII promulgou a famosa bula que declarou aberta a temporada de caça às bruxas.

Realmente, nos últimos tempos, chegou a nossos ouvidos o que certamente nos afligiu com amarga tristeza, que muitas pessoas, de ambos os sexos, sem pensar em sua salvação e afastando-se da fé católica abandonaram-se a demônios, íncubos e súcubos. Por isso nós decretamos e ordenamos que os mencionados inquisidores tenham o poder para proceder à justa correção, ao encarceramento e ao castigo de quaisquer pessoas, sem embaraço e impedimento. (Szasz, 1976, p. 35)

Muitos médicos modernos fizeram o diagnóstico de histeria ou de doença mental entre os casos investigados pelos tribunais da inquisição. Entre estes médicos estão Pinei, Esquirol, Charcot, Zilborg e Franz Alexander. Este último, em sua *História da psiquiatria*, chega a dizer: “Os séculos 13 e 14 foram marcados por movimentos psicóticos de massa que aterrorizavam a Igreja, pois não podiam ser controlados.” (SZASZ, 1976, pp. 131-32)

Oferecendo uma nova visão, Anton Mesmer, ao explicar os fatos decorrentes do sonambulismo, afirmou que:

[...] esses fenômenos, tão antigos quanto as enfermidades dos homens, sempre espantaram e muitas vezes alucinaram o espírito humano. A disposição como se manifestam sem cessar, lembrando substâncias cujas modificações têm mecanismos desconhecidos, levam-no igualmente a atribuir aos espíritos ou a princípios sobrenaturais os efeitos com cujas verdadeiras causas sua inexperiência o impede de atinar: segundo sejam felizes ou funestas, segundo as aparências, seus princípios foram caracterizados como bons ou maus, e segundo que eles determinem a esperança ou a crença, a superstição e a credulidade ignorantes os tornam, por sua vez, sagrados ou criminosos. Estes fenômenos só serviram para provocar frequentes revoluções: dispendo as fontes e meios para a charlatanice política e religiosa de várias pessoas [...] observando esses fenômenos, refletindo sobre a facilidade com que esses erros se e sucedem-se multiplicam, ninguém poderá desconhecer a fonte das opiniões sobre os oráculos, as inspirações, as sibilaç, as profecias, as divinações, os sortilégios, a magia, a demonologia dos antigos. E, nos nossos dias, as possessões e as convulsões. (MESMER, 1799)

Desde tempos remotos a ignorância sobre os fenômenos extra-sensoriais foi utilizada para dominar os povos, como conclui Mesmer:

Embora essas diferentes opiniões pareçam tão absurdas quanto extravagantes, não passam de quimeras; são muitas vezes os resultados de observações de certos fenômenos da natureza que, por falta de luz ou boa-fé, foram sucessivamente desfigurados, ocultos ou misteriosamente escondidos. Posso provar, hoje, que tudo o que tem sido considerado verdadeiro nos fatos analisados deve ser relacionado com a mesma causa e que não deve ser levada em conta senão como sendo modificações do estado chamado sonambulismo. (MESMER, 1799)

As diferentes fases pelas quais a medicina passou explicam seu aspecto multifacetário quando chegou à Renascença. A influência do dogmatismo, do empirismo, da superstição, da astrologia e do misticismo estavam presentes na medicina alopática dos tempos de Mesmer. A seguinte descrição exemplifica como isso aconteceu:

[...] na Inglaterra medieval, a medicina sofreu grande influência da Igreja; os primeiros médicos conhecidos, produtos das escolas monásticas, mantinham-se na qualidade de religiosos. No fim do século 14, só os homens casados podiam se formar em medicina e assumir cargos universitários. Como os casos cirúrgicos e ginecológicos eram considerados impróprios para religiosos, não podiam ser tratados por eles. Somente os cirurgiões-barbeiros e as parteiras exerciam estas funções. A uniformidade da educação médica impedia que novos textos fossem escritos, ao mesmo tempo em que as aulas eram mais teóricas que práticas. Isso tudo resultou na falta de médicos; vilas e vilarejos só podiam contar com os curandeiros locais, possuidores de vasto conhecimento sobre ervas e suas propriedades medicinais. Obras sobre vários aspectos da medicina foram traduzidas do latim para o inglês. Na Idade Média, era comum textos médicos acompanhados de referências astrológicas. Cada parte do corpo era determinado pela influência dos pia netas e signos do zodíaco. O sol governava o lado direito do corpo; a lua, o esquerdo; Vênus, o pescoço e abdômen; e assim por diante. (MARGOTTA, 1988, p.59)

O magnetismo animal seria uma alternativa científica oposta ao misticismo, ao dogmatismo e ao empirismo da medicina oficial, defendida pelos médicos opositores de Mesmer,

UM NOVO OLHAR SOBRE O EVANGELHO

BEATRIZ P. CARVALHO

II Parte - Cap. 19 §18, 23 (252)

VIGILÂNCIA

A vigilância consiste no zelo que devemos ter, no sentido de nos manter fiéis àquilo que nos propusemos realizar ou implantar em nós mesmos; não permitindo que fatores estranhos venham contaminar ou deteriorar nossas propostas ou nossas realizações.

Vejamos o que Jesus disse em seu Evangelho a respeito:

"Quem é, pois, o servo fiel e prudente, que o Senhor constituiu sobre a sua casa, para dar o sustento a seu tempo? Bem-aventurado aquele servo que o Senhor, quando vier, achar servindo assim. Em verdade vos digo que o porá sobre todos os seus bens. Porém, se aquele mau servo disser consigo: O meu senhor, tarde virá; E começar a espancar seus conservos, e a comer e a beber com os temulentos, virá o senhor daquele servo num dia em que o não espera, e à hora em que ele não sabe. E separá-lo-á, e destinará a sua parte com os hipócritas; ali haverá pranto e ranger de dentes" (Mt 24,45-51).

Nesta parábola, os dois servos representam os dois grupos extremos no que toca à vigilância, dentro do comportamento humano. Jesus utilizava figuras assim para maior impacto e fixação de seus ensinamentos. Sabemos, porém, que na humanidade existe uma gama muito grande de níveis de vigilância entre os homens, mas o que importa é a mensagem de alerta para a necessidade que temos de não descuidar daquilo que Deus nos confiou, e de bem orientar na vida.

Os dois servos receberam a responsabilidade de zelar pelos bens do dono da propriedade, que voltaria em hora não sabida para a verificação e avaliação do trabalho.

Os bens do dono da propriedade simbolizam tudo aquilo que Deus colocou ao nosso alcance para executarmos o que nos propusemos realizar em nossa encarnação. É importante que estejamos sempre vigilantes quanto à qualidade da obra, assim como quanto ao tempo gasto na execução. Não deixemos nada para o amanhã, pois não sabemos a hora que iremos nos desligar do corpo material, quando então as oportunidades serão encerradas e deveremos avaliar o que fizemos e o que deixamos de fazer, enfrentando suas consequências.

É necessário que a vigilância seja encarada como algo contínuo em nós; e talvez assim seja, justamente, para que a cultivemos de maneira constante e para que nos mantenhamos sempre alerta, em relação aos compromissos, que o Pai colocou o momento do término de nossas oportunidades, dentro de uma grande incógnita: ninguém sabe o momento exato em que ocorrerá sua morte física!

Nunca é demais relembrar importantes palavras de Jesus, como estas, já alhures, citadas por nós:

"Vós sois o sal da terra, e se o sal for insípido, com que se há de salgar? Para nada mais presta, senão para se lançar fora, e ser pisado pelos homens" (Mt 5,13).

O sal, aqui, simboliza o potencial que trazemos em nós e que nos torna aptos a realizar um bom trabalho na Terra, com os irmãos. Notemos, porém, a frase de Jesus: "se o sal for insípido" Isto quer dizer, se não mostrar as suas qualidades ao ser utilizado,

acontecerá com ele, como com tudo na natureza que é inútil, a atrofia, a degeneração. Assim acontecerá também com nossa capacidade, para nada servirá, se não trabalharmos com ela, será como o sal insípido, e, não cumprindo sua finalidade, a perderemos. E isso acontecerá com tudo aquilo que assumimos a responsabilidade realizar na vida.

"Estando duas moendo no moinho, será levada uma, e deixada a outra. Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor; mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que vigília da noite havia de vir o ladrão, vigiaria e não deixaria minar a sua casa. Por isso, estai vós apercebidos também; porque o Filho do Homem há de vir há hora em que não penseis" (Mt 24,41-44).

Este trecho está inserido dentro do chamado sermão profético de Jesus, e foi direcionado, provavelmente, às grandes mudanças planetárias; porém, não deixa de constituir uma exortação à vigilância constante com base na incerteza do momento em que se dará a nossa morte física.

"E quando o espírito imundo tem saído do homem, anda por lugares áridos, buscando repouso, e não o encontra. Então diz: Voltarei para minha casa donde saí e, voltando, acha-a desocupada, varrida e adornada. Então vai, e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele, e, entrando, habitam ali: e são os últimos atos desse homem piores do que os primeiros. Assim acontecerá também a esta geração má" (Mt 12,43-45).

Esta passagem, já abordada no capítulo referente à obsessão, é extensiva a todos os momentos de nossas vidas. Quando se consegue afastar um Espírito mau que estava perturbando uma pessoa, é importante que ela se proponha a modificar seu padrão vibratório, redirecionando os pensamentos e a conduta, assim como, que ela zele para que esse novo padrão de vida seja uma constante.

É importante também que se faça uma autoanálise, no sentido de determinar a porta pela qual o Espírito obsessor penetrou, para que com maior dedicação, seja mantida a vigilância sobre essa porta, evitando assim, a possibilidade de atraí-lo novamente.

Lembremos a recomendação de Jesus:

"Entrai pela porta estreita: porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela; e porque estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem" (Mt 7,13.14).¹

Em nossa condição de encarnados em um mundo de expiação, onde a maioria da população é, ainda, bastante comprometida com o mal, a abertura para a realização de atos que nada nos acrescentam, que nos levam a perder tempo tão valioso, ou, pior ainda, a nos comprometer com envolvimento que irão nos custar caro mais tarde, é imensa. Ao contrário, a abertura para o crescimento do Espírito é relativamente muito mais estreita, requer conhecimento, discernimento, boa vontade, e constante vigilância para não desviarmos dela.

Então chegou Jesus com eles a um lugar chamado Getsêmani, e disse a seus discípulos: Assentai-vos aqui, enquanto vou além orar. E, levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu. Começou a entristecer-se e a angustiar-se muito. Então lhes disse: A minha alma está cheia de tristeza até à morte; ficai aqui, e velai comigo. E indo um pouco mais para diante, prostrou-se sobre o seu rosto, orando e dizendo: Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como Tu queres. E voltando para os seus discípulos, achou-os adormecidos; e disse a Pedro: Então nem uma hora pudeste velar comigo? Vigiai e orai, para que não entreis em tentação: na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca [...] Levantai-vos, partamos; eis que é chegado o que me trai" (Mt 26,36-41).

Estas palavras foram ditas por Jesus durante os últimos momentos de sua vida física, quando seus três apóstolos não conseguiram manter-se vigilantes, enquanto o Mestre orava. Relata o evangelista que, por três vezes, Jesus encontrou-os adormecidos, provavelmente

pelo cansaço das últimas horas. Foi, então, que lhes recomendou que orassem e vigiassem, para que não entrassem em tentação, declarando que o Espírito está pronto, mas a carne é fraca.

Antes de reencarnar, o Espírito está mais lúcido, podendo tecer todo um programa de realizações com o firme propósito de executá-lo. Ao mergulhar na carne, porém, acontece o esquecimento e seu ideal de realizações emerge apenas como tênues lembranças, como desejos, direcionados, sem ter, porém, a lucidez do Espírito liberto.

Sabemos que aqui, como já nos referimos acima, as influências, perniciosas são constantes, e, muitas vezes, o perigo de um deslize é iminente.

Por outro lado, o Espírito sofre ainda a influência da carne, da matéria biológica. Fica sujeito a todas as necessidades de manutenção da vida corpórea, assim como os seus instintos, especialmente o de reprodução, e a sexualidade mal orientada constitui um terreno onde, muitos Espíritos invigilantes se envolvem em sérios e penosos compromissos.

Foi, justamente, visando às condições do homem encarnado que Jesus nos recomendou: "*Vigiai e orai [...] na verdade o espírito está pronto, mas a carne é fraca*".

O Mestre colocou a oração como suporte da vigilância. A prece é um canal aberto à espiritualidade superior, através do qual melhoramos nossa frequência vibratória e, conseqüentemente, as companhias quer encarnadas, quer desencarnadas, proporcionando-nos um terreno mais firme para a manutenção do compromisso assumido. Recebemos também, por meio da prece, o auxílio necessário para bem discernirmos os caminhos a serem tomados, a coragem necessária para enfrentarmos os obstáculos e a determinação para concretizarmos as obras, que planejamos ainda na espiritualidade.

Para terminarmos, citaremos as belas palavras ditas pelo anjo, e anotadas pelo apóstolo João, no livro de suas visões apocalípticas:

"Sê fiel até a morte e dar-te-ei a coroa da vida" (Apocalipse 2,10).

SUICÍDIO INCONSCIENTE

EDSON RAMOS DE SIQUEIRA

Cap. 1 §33 (18)

No 3º subitem do capítulo X (Encontro com a saúde) da mesma obra, Joanna ressaltou: A pouco e pouco, enquanto a consciência desperta para os valores éticos relevantes e a necessidade da plenitude, alteram-se as paisagens antes afligentes, porque há mudança no ângulo de observação dos quadros da vida, que é sempre generosa e rica de dádivas, cabendo a cada ser humano retirar a parte que melhor o atenda e o felicita. A saúde legítima não é algo que se busca fora da própria realidade.¹¹

Desculpar-se dos seus defeitos com a fraqueza da carne é, pois, lançar mão de um sofisma (argumento falso) para escapar à responsabilidade. A carne só é fraca quando o espírito é fraco, o que inverte a questão e deixa ao espírito a responsabilidade de todos os seus atos. A carne, que não tem pensamento nem vontade, jamais prevalece sobre o espírito, que é o ser pensante e dotado de vontade (Allan Kardec)¹².

Oh! Amigos da Terra! Quantos de vós podereis evitar o caminho da amargura com o preparo dos campos interiores do coração? Acendei vossas luzes antes de atravessar a grande sombra. Buscai a verdade, antes que a verdade vos surpreenda. Suai agora para não chorardes depois¹³.

¹¹ Joanna de Ângelis.

¹² Allan Kardec. *O Céu e o Inferno*. São Paulo-SP - Lake - Livraria Allan Kardec Editora, 11ª ed., 2004. 351p. (cap. VII).

13 André Luiz, *psicografia de Chico Xavier. Nosso Lar*. Rio de Janeiro-RJ - Federação Espírita Brasileira, 3ª ed. especial, 2009. 312 p.

A GÊNESE

Allan Kardec

Introdução §8

Generalidade e concordância no ensino, tal é a característica essencial da Doutrina, a própria condição de sua existência; daí resulta que todo princípio que não recebeu a consagração do controle e da generalidade não pode ser considerado como parte integrante dessa mesma Doutrina, mas como uma simples opinião isolada, da qual o Espiritismo não pode assumir a responsabilidade.

Cap. 1 – Caráter da Revelação Espírita

13. Por sua natureza, a revelação espírita possui um duplo caráter: ela participa ao mesmo tempo da revelação divina e da revelação científica. Participa da primeira porque seu aparecimento foi providencial, e não o resultado da iniciativa e do desígnio premeditado do homem, porque os pontos fundamentais da doutrina provêm do ensinamento dado pelos Espíritos encarregados por Deus de esclarecer os homens sobre as coisas que eles ignoravam, que não podiam aprender por si mesmos e que lhes importa conhecer, hoje que se acham amadurecidos para compreendê-las. Participa da segunda, porque tal ensinamento não constitui privilégio de nenhum indivíduo, mas é proporcionado a todo mundo pela mesma forma: pelo fato de que tanto aqueles que o transmitem como os que o recebem não são seres passivos, dispensados do trabalho de observação e pesquisa; por não terem renunciado ao seu próprio julgamento e livre-arbítrio; e porque o exame não lhes é interdito, mas ao contrário recomendado. Enfim, a doutrina não foi ditada completa nem imposta à crença cega, sendo ela deduzida do trabalho do homem e da observação dos fatos que os Espíritos lhes põem sob os olhos pelas instruções que a ele dão, instruções estas que o homem estuda, compara e das quais tira ele mesmo as suas conclusões e aplicações. Em síntese, o que caracteriza a revelação espírita é que sua origem é divina, que a iniciativa pertence aos Espíritos e que a sua elaboração é o resultado do trabalho do homem.

50. A terceira revelação — vinda em uma época de emancipação e maturidade intelectual, em que a inteligência desenvolvida não pode se conformar com um papel passivo, em que o homem não aceita nada às cegas, mas quer ver aonde o conduzem, quer saber o porquê e o como de cada coisa — tinha que ser ao mesmo tempo o resultado de um ensino e o fruto do trabalho, da pesquisa e da livre verificação. Os espíritos só ensinam exatamente o que é preciso para ajudar a compreender a verdade, mas se abstêm de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter o todo ao cadinho da razão, deixando mesmo, muitas vezes, que adquira experiência à própria custa. Eles lhe dão o princípio e os materiais, para que tire proveito deles e os ponha em ação.

51. Sendo os elementos da revelação espírita ministrados simultaneamente em muitos pontos, a homens de todas as condições sociais e de diversos níveis de instrução, é evidente que as observações não poderiam ser feitas em toda parte com o mesmo resultado; que as consequências a tirar delas, a dedução das leis que regem essa ordem

de fenômenos, em resumo, a conclusão que deveria determinar as ideias, teria de sair do conjunto e da correlação dos fatos. Ora, cada centro isolado, circunscrito a um círculo restrito, vendo, frequentemente, apenas uma espécie particular de fatos, algumas vezes aparentemente contraditórios, tendo ligação geralmente com uma mesma categoria de espíritos, e, além do mais, embaraçado pelas influências locais e partidarismos, achava-se na impossibilidade material de abranger o conjunto e, por isso mesmo, impossibilitado de combinar as observações isoladas em um princípio comum. Cada um apreciando os fatos sob o ponto de vista dos seus conhecimentos e crenças anteriores, ou da opinião particular dos espíritos que se manifestam, logo surgiriam tantas teorias e sistemas quantos fossem os centros, e nenhum poderia ser considerado completo, por falta de elementos de comparação e avaliação. Em uma palavra, cada um se teria imobilizado na sua revelação parcial, acreditando deter toda a verdade, por não saber que em cem outros lugares se obtinha mais ou melhor.

52. Por outro lado, deve-se observar que em parte alguma o ensino espírita foi dado de uma forma completa. Ele atinge um número tão grande de observações, de assuntos tão diversos, que exigem conhecimentos e aptidões mediúnicas especiais, que foi impossível reunir em um mesmo ponto todas as condições necessárias. A necessidade de o ensino ser coletivo e não individual, levou os espíritos a dividirem o trabalho, disseminando os temas de estudo e de observação, como em certas fábricas a confecção de cada parte de um mesmo objeto é dividida entre diversos operários. Assim, a revelação é feita parcialmente, em diversos lugares e por uma multidão de intermediários, e é dessa maneira que ela prossegue ainda hoje, uma vez que nem tudo foi revelado. Cada centro encontra, nos demais, o complemento do que ele obtém, e foi do conjunto, da coordenação de todos os ensinamentos parciais que a Doutrina Espírita se constituiu. Era, pois, necessário agrupar os fatos isolados para ver sua correlação, reunir os diversos documentos e as instruções dadas pelos espíritos sobre todos os pontos e sobre todos os assuntos, para compará-las, analisá-las e estudar-lhes as analogias e as diferenças. Como as comunicações eram dadas por espíritos de todas as ordens, mais ou menos esclarecidos, era preciso avaliar o grau de confiança que a razão permitia conceder-lhes, distinguir as ideias sistemáticas individuais e as isoladas das que tinham a sanção do ensino geral dos espíritos; as utopias, das ideias práticas; afastar as que eram notoriamente desmentidas pelos dados da Ciência positiva e pela lógica sã; utilizar os próprios erros, as informações fornecidas pelos espíritos, mesmo os de baixa categoria, para o conhecimento da situação do mundo invisível, e disso formar um todo homogêneo. Em uma palavra, era preciso um centro de elaboração, isento de qualquer ideia preconcebida, de qualquer sectarismo, resolvido a aceitar a verdade tornada evidente, ainda que contrária às suas opiniões pessoais. Esse centro se formou por si mesmo, pela força das coisas e sem premeditação.

53. Desse estado de coisas resultou uma dupla corrente de ideias: umas indo das extremidades para o centro, e as outras retornando do centro para a periferia. Foi assim que a Doutrina caminhou rapidamente para a unidade, apesar da diversidade das fontes de onde se originou; e que os sistemas divergentes ruíram pouco a pouco, em razão do seu isolamento diante do ascendente da opinião da maioria, na qual não encontraram repercussão simpática. Desde então, uma comunhão de ideias se estabeleceu entre os diversos centros parciais; falando a mesma linguagem espiritual, eles se entendem e se simpatizam, de um extremo a outro do mundo. Os espíritas sentiram-se mais fortes,

lutaram com mais coragem, caminharam com passo mais firme, desde que não se viram mais isolados, desde que perceberam um ponto de apoio, um laço que os unia à grande família. Os fenômenos dos quais eram testemunhas não mais lhes pareceram estranhos, anormais ou contraditórios quando puderam associá-los às leis gerais de harmonia, abranger de um só golpe de vista todo o plano, e ver, em todo esse conjunto, um objetivo grandioso e humanitário.

VADE MECUM ESPÍRITA - A Carne é Fraca